

A LOUCURA FEMININA - ENFERMIDADE E/ OU PRESSÃO SOCIAL? ANÁLISE DA QUESTÃO NAS LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA.

Lucia de La Rocque
UERJ/ FIOCRUZ

& Leila A. Harris
UERJ

As literaturas de língua inglesa, especialmente nos dois últimos séculos, têm se caracterizado por uma extensiva produção de autoria feminina. Esta produção se torna especialmente notável se analisarmos as condições absolutamente desfavoráveis que as mulheres encontravam no passado, nem tão longínquo, para desenvolver seu talento literário. Não só as mulheres raramente possuíam um local físico onde pudessem desenvolver sua criatividade literária, como demonstra Virginia Woolf em *A Room of One's Own*, mas não tinham espaço psicológico para fazê-lo, pois sua vida era tomada pelas tarefas domésticas, necessárias ao desenvolvimento do poder patriarcal que, no entanto, as desprezava. Não é de se espantar, portanto, que muitas mulheres enlouquecessem, submetidas à camisa-de-força da repressão de seus talentos naturais.

A relação entre a opressão sofrida pelas mulheres e a conseqüente loucura só começou a ser analisada clinicamente por Sigmund Freud no fim do século dezenove, quando a literatura, principalmente a de autoria feminina, tomando a frente das descobertas científicas, já denunciava a repressão da criatividade da mulher pelo poder patriarcal como responsável pela emergência da loucura feminina. Depois de Freud e do conseqüente advento das idéias psicanalíticas, passou-se a conhecer algumas das razões familiares e sociais que levavam ao estado de desequilíbrio entre os sexos, resultando no domínio patriarcal da mente e do corpo femininos. A nova compreensão, por parte da mulher, de seu estado de opressão, resulta então uma literatura de cunho feminista que, não raro, descreve mulheres enlouquecidas pelo exíguo papel que lhes era permitido pela sociedade, por vezes refletindo experiências dolorosas vivenciadas pela própria autora. A literatura do século vinte de autoria feminina tem sido, sem dúvida, pródiga em trabalhos que retratam a conseqüência da repressão na saúde mental da mulher; tais obras, é necessário dizer, recebem não somente forte influência de Freud e seus seguidores e contestadores, como Lacan e Jung, como também são marcadas decisivamente, à medida que o século progride, pelas leituras críticas das feministas - como Julia Kristeva e Nancy Chodorow - destes expoentes da psicanálise.

Através deste estudo, ancorado na literatura de autoria feminina de língua inglesa do final do século dezenove até o presente, pretendemos contribuir para uma reflexão crítica sobre os parâmetros sócio-culturais que têm afetado o equilíbrio emocional e mental da mulher. A literatura não deixa de ser um espelho das preocupações que rondam a alma humana; acreditamos, portanto, que ao analisarmos os elementos significativos das obras a serem estudadas, isto é, as condições de produção do texto, estruturas temáticas, construção de personagens e estratégias narrativas, esbarraremos inevitavelmente nas críticas mordazes feitas pelas autoras à sociedade patriarcal que, restringindo a esfera feminina de ação, aliena e cerceia o potencial criativo das mulheres, levando-as por vezes ao mundo da loucura.

Esta alternativa é a única que resta à protagonista anônima de "The Yellow Wallpaper" (1892), escrito por Charlotte Perkins Gilman sem nenhum conhecimento das idéias freudianas. Neste conto, a narradora-protagonista, que sofre de depressão crônica, é

impedida pelo marido médico de exercer qualquer tipo de atividade física ou intelectual, inclusive escrever. Nos seus devaneios, ela passa a se concentrar no lúgubre papel de parede do quarto onde está confinada; cada vez mais afastada da realidade, o papel de parede lhe provoca alucinações, que acabam por lhe conduzir ao mundo da loucura. Na justificativa para o conto, Gilman explica o quanto “The Yellow Wallpaper” é autobiográfico, e que ela própria, após uma crise nervosa, só não enlouqueceu porque, contrariando as ordens médicas, voltou a escrever. Gilman vê o trabalho criativo como o grande redentor da sanidade feminina; o poder patriarcal da medicina, antagônico à livre expressão desta criatividade, pode levar a mulher à loucura.

Nem sempre as protagonistas do final do século dezenove enlouquecem com a força do patriarcado; no entanto, o preço que estas mulheres pagam pela manutenção de sua sanidade é, geralmente, altíssimo, podendo, às vezes, lhes custar a própria vida. Este é o caso do romance *The Awakening* (1899), de Kate Chopin, onde a protagonista, Edna Pontellier, mulher de classe média abastada, acomodada num casamento convencional, numa temporada de verão desperta, através da paixão proibida pelo jovem Robert, para suas potencialidades como ser livre e independente. No entanto, Edna se dá conta de como a sociedade patriarcal torna o exercício desta independência doloroso para uma mulher. Sentindo que não agüentará ir contra os padrões sociais, mas que ao mesmo tempo jamais poderá voltar a ser a Sra. Pontellier, Edna opta pelo suicídio, nadando até a exaustão, na mesma praia que havia testemunhado seu despertar.

Mais de meio século depois da publicação de *The Awakening*, encontramos na literatura feminista uma outra protagonista que se suicida em resposta às expectativas que circundam seu papel de mulher como cidadã de segunda classe numa sociedade dominada pelo patriarcado. No conto “To Room Nineteen” (1963), de Doris Lessing, Susan Rawlings, dona de uma bela casa em um chique subúrbio londrino, esposa do atraente Mathew, e mãe de quatro filhos encantadores, enlouquece quando se conscientiza que há muito perdeu sua identidade individual, existindo apenas como mãe e esposa. O único lugar onde passa a se sentir bem é um quarto num sórdido hotel de encontros, para o qual passa a ir, sozinha, todos os dias, afastando-se cada vez mais sua família. O seu recanto precioso é, no entanto, descoberto por um detetive contratado pelo marido, e ela, como Edna Pontellier, que escolhe a praia de seu despertar como último refúgio, volta ao quarto, liga o gás e deixa sua vida se esvaír.

No mesmo ano da publicação de “To Room Nineteen”, Sylvia Plath, uma jovem e brilhante poeta, também escolheu o gás como meio de liberação de suas angústias. Plath suicidou-se em fevereiro, apenas um mês depois da publicação de seu único romance, *The Bell Jar*, um relato autobiográfico de uma crise depressiva pela qual passara dez anos antes. A narradora-protagonista, Esther Greenwood, excelente estudante universitária, perde, aos poucos, o interesse em todas as opções de vida que lhe são apresentadas, até o ponto em que decide que viver não valer a pena. Após uma *overdose* de tranquilizantes, Esther quase consegue seu intento; no entanto, é salva a tempo, e, após a passagem por uma clínica psiquiátrica, recupera-se a ponto de vislumbrar o retorno à vida que levava antes da crise. No romance, a medicina é claramente associada ao poder patriarcal; a protagonista é levada a paroxismos de sofrimento quando tratada por médicos insensíveis e chauvinistas, e é uma médica firme e maternal, a Dra. Nolan, quem mais colabora para a sua recuperação.

Não é de se estranhar que os anos 60, momento em que o feminismo desponta como movimento, tenham sido caracterizados pelo aparecimento de várias obras feministas que trabalham a questão da loucura da mulher, sempre posicionando-a como consequência das pressões sociais, visão que, como vimos, já havia sido antecipada pelas escritoras precursoras do século dezenove. Curiosamente, uma das obras paradigmáticas desta denúncia busca sua sustentação bem longe da mulher moderna do século vinte, consciente dos seus direitos, tão bem retratada por Sylvia Plath em *The Bell Jar*. Jean Rhys

publica, em 1966, o romance *Wide Sargasso Sea*, cuja protagonista, Antoinette Cosway, se baseia em Bertha Mason, personagem de *Jane Eyre*, romance escrito por Charlotte Brontë em 1847. Rhys, em seu romance, dá voz e vez à louca Bertha, que em *Jane Eyre* é reduzida a um ser embrutecido, quase animalesco; a loucura de Antoinette é, em *Wide Sargasso Sea*, consequência de uma sociedade racista e patriarcal.

Se, até os anos sessenta, a literatura produzida por mulheres acerca da loucura feminina caracterizava-a como um resultado funesto das pressões patriarcais, na década seguinte as loucas passam a ser vistas como portadoras de uma rebeldia libertária e de uma visão presciente, os arautos de um mundo novo, livre de parâmetros ultrapassados, como a desigual divisão de poder entre os sexos, que por tanto tempo permearam a sociedade. O romance *Surfacing* (1972), de Margaret Atwood, pode ser lido como um exemplo paradigmático deste enfoque inovador da loucura feminina. A narradora-protagonista, que, como a heroína de “The Yellow Wallpaper”, também permanece significativamente anônima através da história, retorna ao lago onde havia passado sua infância, procurando seu pai, dado como desaparecido. Durante esta procura, é obrigada a se deparar com fantasmas, alguns muito antigos, outros não tanto, que povoavam a sua existência, atormentando-a e obrigando-a a erigir uma realidade fictícia, a qual se agarrava para diminuir seu sofrimento. O surto de loucura pela qual passa, é que, ironicamente, a faz ver tudo sob uma nova luz, e, erguendo os antolhos que não a deixavam lidar diretamente com os monstros de seu inconsciente, lhe permite um tipo de renascer esperançosamente grávido de uma vida melhor. Seu surto de loucura, então, tem o efeito exatamente oposto ao sofrido pela protagonista de “The Yellow Wallpaper”.

A próxima etapa de nossa pesquisa focalizará romances mais recentes como *The Woman who Owned the Shadows* (1983) da americana nativa Paula Gunn Allen e *Beloved* (1987) da afro-americana Toni Morrison. A loucura das protagonistas dos dois romances envolve questões de etnia além das questões de gênero presentes nas obras até então abordadas.